

O USO DA LINGUAGEM HIPERTEXTUAL NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: OS SUJEITOS DA EAD

Maceió, AL, Maio/2014

**Maria Auxiliadora Silva Freitas – Universidade Federal de Alagoas –
afreitasmcz@gmail.com**

**Fernando Silvio Cavalcante Pimentel – Universidade Federal de Alagoas –
prof.fernandoscip@gmail.com**

Classe- Experiência Inovadora

Setor Educacional – Educação Superior

Classificação das Áreas de Pesquisa em EAD

Macro: D/ Meso:H/ Micro: O

Natureza – Descrição de Projeto em Andamento

RESUMO

A prática da avaliação da aprendizagem no ensino de Educação a Distância (EAD), precisa ser repensada e planejada a partir de uma concepção que priorize a autoria e a coautoria dos sujeitos da aprendizagem na construção de conhecimentos. Para além de uma visão prática-tecnista, na qual se prioriza as ações pontuais e classificatórias, com características seriamente reprodutivistas, o que se pretende, neste trabalho, é sinalizar alternativas teórico-metodológicas de avaliação, que inclua o uso de hipertextos como procedimentos pedagógicos. Partindo da ideia de que as redes digitais, notadamente a web 2.0, possibilitam novas formas de ler e escrever, a perspectiva de avaliar com o uso da linguagem hipertextual estimula a pesquisa, a intertextualidade, a criatividade e a aprendizagem colaborativa, permitindo que os sujeitos da EAD sejam interlocutores de seus processos de aprendizagem. Pretende-se, pois, apresentar como sugestões, alguns procedimentos de avaliação que sejam pertinentes a esta proposta.

Palavras-chave: Educação a Distância; Avaliação da Aprendizagem; Hipertexto.

Considerações Iniciais

Iniciamos este trabalho, com duas indagações: i) Por que ainda vivemos a hegemonia de uma pedagogia tradicional, sedimentada em métodos expositivos e numa suposta avaliação que prioriza as medidas educacionais? li) Como podemos falar, com propriedade, de uma avaliação com características hipertextuais, nos ambientes virtuais de aprendizagem?

A hipótese que segue pode servir como fio condutor para desencadear uma reflexão que dê respostas a essas perguntas: qualquer que seja o modelo de avaliação a ser adotado no processo ensino-aprendizagem, ele não é neutro, nem arbitrário e não se dá num vazio conceitual. Ao contrário, por ser uma atividade intencional, impregnada de sentidos, a avaliação assume múltiplas dimensões, atreladas a uma determinada forma de conceber a educação, o indivíduo e a sociedade que condicionam e norteiam a prática pedagógica.

Partindo deste pressuposto, e em meio à complexidade inerente ao processo educativo, nossa proposta é refletir sobre a construção do sujeito da Educação a Distância (EAD), na disciplina de Avaliação Educacional, a partir de uma linguagem hipertextual, mas, sobretudo, pedagógica, utilizando interfaces e *softwares* nos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA). O propósito é rever conceitos, metodologias e estratégias de avaliação, para contrapor-se ao paradigma classificatório que apenas pontua os alunos por meio de práticas convencionais oferecidas pelos cursos de EAD.

Dialogando com alguns aportes teóricos

A perspectiva de avaliação orientada por uma linguagem hipertextual baseia-se em dois enfoques que, a nosso ver, não se contrapõem, mas se complementam: o primeiro nos remete à textualidade do hipertexto, sob o ponto de vista da Linguística Textual, para caracterizar os conceitos de texto e de textualidade a uma abordagem processual, a partir da construção de sentidos entre autor-texto-leitor; o segundo traz alguns elementos da Linguística Textual, porém, em um cenário essencialmente digital, permeado por links ou por *nós* de uma grande rede, como a World Wide Web.

No primeiro caso, interessa-nos ao nosso objeto de estudo, a concepção interacional ou dialógica de língua, explicitada por Koch (2010), para revelar que os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais que, na interação com o texto, se constroem e são construídos dialogicamente. Nessa direção, a leitura passa a ser uma atividade interativa e produtora de sentidos, à medida que se leva em conta, não apenas os elementos linguísticos presentes na superfície textual, mas também as experiências e os conhecimentos do leitor, como sujeito ativo, para compreender, interpretar, dialogar e tomar decisões frente aos objetivos propostos. Ainda sobre a construção de sentidos, Kock (2010, p. 18) destaca:

Na atividade de leitores ativos, estabelecemos relações entre nossos conhecimentos anteriormente constituídos e as novas informações contidas no texto, fazemos inferências, comparações, formulamos perguntas relacionadas com o seu conteúdo.

Perceber o hipertexto a partir dessa concepção leva-nos a identificar que a sua natureza linguística vai além de uma mera navegação digital, para outro cenário onde os leitores acessam as informações, integrando-as aos seus conhecimentos, por meio de estratégias que deem sentido e significado ao que lê.

Essas aproximações entre texto e hipertexto estão presentes nas pesquisas feitas por Marcuschi (2001, 2005); Kock (2010, 2006); Coscarelli (2003) entre outros, enquanto que, pesquisadores como Xavier (2002, 2011), Braga (2005) e Gomes (2010), aproximam-se do segundo caso, destacando o hipertexto como produto exclusivo do meio digital, porém, sem perder de vista as contribuições que a Linguística Textual traz para o ambiente hipermídia. Esse tem sido o enfoque de Xavier (2002, p.107) quando apresenta o hipertexto como “dispositivo ‘textual’ digital multimodal e semiolinguístico (dotado de elementos verbais, imagéticos e sonoros) on-line, isto é indexado à internet com um domínio URL ou endereço eletrônico localizável na *Word Wide Web*”.

Na sequência, serão apresentadas algumas definições encontradas na literatura sobre hipertexto, as quais variam em alguns casos, mas todas elas apontam para o mesmo foco.

De início gostaríamos de chamar a atenção para as palavras de Lévy (1996, p.35), ao se referir à atualização de um [texto](#) por meio de múltiplas

versões, traduções edições e cópias que o leitor procede à frente das páginas de um livro:

Lemos ou escutamos um texto. O que ocorre? Em primeiro lugar, o texto é esburacado, riscado, semeado de brancos. São as palavras, os membros de frases que não captamos (no sentido perceptivo, mas também intelectual do termo). São os fragmentos de texto que não compreendemos, que não conseguimos juntar, que não reunimos aos outros, que negligenciamos. De modo que, paradoxalmente, ler, escutar, é começar a negligenciar, a desler ou desligar o texto.

Sem querer entrar no mérito das grandes contribuições que a memória textual, mesmo linear, trouxe para a vida de cada um de nós, concordamos com o autor ao dizer que "[...] o espaço do sentido não preexiste à leitura. É ao percorrê-lo, ao cartografá-lo que o fabricamos, que o atualizamos" (LÉVY, 1996, p. 36). Fazemos intertexto com Morin (2003, p.21) quando fala do método como caminho que se dissolve no caminhar, ou quando cita o poeta Antonio Machado: "[...] caminante no hay camino, se hace camino al andar".¹

É nessa perspectiva que as discussões sobre o ato de redesenhar um texto ganham força, rompendo com a estrutura convencional linear que lhe é peculiar, para emergir uma multiplicidade de forma que incluem imagens, sons, ideogramas, diagramas, mapas, gráficos, textos em geral. Estamos nos referindo ao hipertexto no espaço [cibercultural](#), construído por sujeitos ativos numa colaboração compartilhada.

No entanto, é importante salientar que o hipertexto não se vincula apenas à *internet* e outros meios digitais, apesar de os ambientes virtuais utilizarem *links* que viabilizam com mais rapidez o acesso a qualquer informação. A representação hipertextual pode acontecer [offline](#), ou seja, numa sala de aula presencial, desde que sua metodologia supere o modelo [“um-todos”](#), para dar lugar a uma concepção de ensino-aprendizagem que envolva práticas interativas, de pesquisa e construção coletiva.

Nesse sentido, cabe ao sujeito-leitor a realização de um percurso de atualização dos textos disponibilizados, a partir de *links* por eles construídos, que se configuram como notas de rodapé, tabelas ou gráficos, citações, referências, acréscimos de parágrafos.

Estrategicamente, o professor pode criar situações que estimulem os alunos a construírem, em grupos, uma produção textual e, em seguida,

¹ Tradução livre da autora: “[...] caminantes não há caminho, o caminho se faz ao caminhar”.

distribuir esse material para diferentes equipes que se comprometem em reescrever os textos, com novas pesquisas e autoria, para posteriormente serem socializados. Diga-se de passagem, que este é um procedimento excelente para diagnosticar e efetuar a avaliação da aprendizagem numa abordagem formativa. (ROMÃO, 1998; VILLAS BOAS, 2004, 2008).

Da perspectiva dos estudos linguísticos, recorremos a Koch (2006, p. 63) para definir o hipertexto “como forma de estruturação textual que faz do leitor, simultaneamente, um coautor do texto”.

O destaque a esse conceito revela a potencialidade de intervenção dos interlocutores como coautores, isto é, como hiperleitores, sujeitos da aprendizagem que alteram e recriam o texto, incorporando outras trilhas por meio de informações novas. Com o desenvolvimento da [web](#), essa possibilidade torna-se mais concreta uma vez que o ciberespaço dispõe de suportes midiáticos que autorizam integrar notas, citações, bibliografias, referências, imagens, fotos, vídeos, [gifs](#) e outros elementos encontrados na [hipermídia](#).

Por essa razão, o autor de um hipertexto consegue manter uma relação “amigável” (LÉVY, 1993) com o texto, à medida que rompe com a sua linearidade para abrir diferentes perspectivas que lhe permitem complementar, reafirmar ou mesmo contradizer o tópico em curso.

Muitos autores além de Koch já apontam, com certa ênfase, o leitor como coautor de um hipertexto. Ramal (2000, p.25), por exemplo, argumenta que na dinâmica hipertextual não existe um único autor, mas um sujeito coletivo que interage e navega junto para produzir conhecimento, “[...] construído na soma de muitas mãos, e aberto para todos os [links](#) e sentidos possíveis”. Isto é, através de discussões colaborativas, o sujeito coletivo atualiza, amplia e ressignifica o hipertexto, visto que os *hyperlinks* favorecem a interação entre as informações, alterando o significado de leitura, a produção do texto e a relação texto-autor-leitor, que passam a ser interlocutores de percursos dialogados.

Portanto, o ambiente hipertextual configura uma nova relação entre as pessoas, como autores de suas itinerâncias, e de uma aprendizagem significativa que se dá por descoberta, autonomia e participação, ao tempo em

que redefine os critérios de avaliação processual, com características formativas (VILLAS BOAS, 2004, 2008).

A linguagem hipertextual na prática da Avaliação da Aprendizagem

Afinal, como utilizar o hipertexto para avaliar a aprendizagem que ocorre em ambiente de formação online? E qual concepção de avaliação podemos dizer que está em consonância com o uso da linguagem hipertextual?

Compreendendo que a avaliação é um compromisso com a aprendizagem (LUCKESI, 2005) e que deve superar a simples prática classificatória, sua realização nos espaços de uso da linguagem hipertextual parte do princípio que a avaliação é elemento significativo e formativo no processo de ensinagem, possibilitando a todos os envolvidos a análise do que realmente está sendo ensinado, aprendido, construído e reconstruído.

Pensar numa avaliação formativa, nos remete à argumentação de Villas Boas (2008), para mostrar que essa concepção envolve todas as atividades desenvolvidas por professores e alunos, com a intenção de fornecer *feedback* para a reorganização do trabalho pedagógico. Isto implica em reconhecer a avaliação como processo de reflexão na ação, de investigação, na busca de instrumentos e procedimentos didático-pedagógicos, capazes de subsidiar o processo de ensino-aprendizagem e tomar decisões sobre o que deverá ser feito a seguir. (ROMÃO, 1998).

Quando se trata de avaliar na cibercultura, esses pressupostos não são diferentes. Por isso, concordamos com Ramal (2000) ao refletir que a avaliação ultrapassa o contexto da “nota”, assumindo a existência de uma nova lógica, onde a hipertextualidade rompe com a “hierarquia da escada”, implicando em retomar a própria formação dos professores para considerar a avaliação como processo formativo (FERNANDES, 2006).

O avanço das tecnologias eletrônicas de informação e comunicação vem se expandindo cada vez mais, exigindo da educação a distância ou mesmo presencial, novos conceitos e práticas pedagógicas que deem respostas afirmativas às necessidades de aprendizagem dos alunos e, evidentemente, às novas formas de ensinar do professor.

Por conseguinte, especial desafio é o da avaliação da aprendizagem para introduzir as peculiaridades trazidas pela tecnologia hipertextual, na

construção de instrumentos e procedimentos adequados aos novos contextos. (RAMAL, 2000).

Os conceitos linguísticos e tecnológicos na prática da avaliação implicam em uma forma distinta de ver, refletir e interpretar o conhecimento e toda a sua potencialidade formativa, por que prioriza o aspecto dialógico-interativo que envolve os sujeitos nos processos de ensinar e aprender.

A intertextualidade ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, fazendo parte da memória social de uma coletividade (KOCH, 2010, p.86)

Nessa direção, argumentamos a favor de uma proposta de avaliação que sistematize as reflexões aqui apresentadas, ou seja, como espaço aberto, intertextual, flexível e interativo, possibilitando o desenvolvimento de autorias e coautorias compartilhadas. Quando associada exclusivamente ao meio digital, que seja hipertextual, usando mídias e *software* educacionais, capazes de reunir diferentes linguagens, mas, sobretudo, que sejam marcadas pela

produção de sentidos que os sujeitos dão aos seus percursos de aprendizagem.

Na perspectiva acima, sinalizamos como procedimentos de avaliação a linguagem hipertextual presente na escrita colaborativa. A priori, esta prática não depende de um potencial multimídia do computador, mas de um editor de texto, onde os interlocutores dialogam entre si, acrescentando e modificando o texto, atando e desatando, criando e recriando, tal qual a metáfora do contador de histórias, em que os caminhos não se fecham, mas sempre se modificam e se atualizam. Nesse caso, o texto original se subverte e, sem perder seu rigor teórico-metodológico, transforma-se em hipertexto porque faz intertextualidade e interatividade com os conteúdos, com outros autores, outros espaços que vão se resignificando e exigindo novas maneiras de pensar, compreender, escrever e avaliar.

Para o exercício desse procedimento, indicamos o Google Docs, o Microsoft Office Publisher, *Prezzi*, *webblog*, portfólios e os Mapas Conceituais disponibilizados no *Cmap Tools*, porque propiciam aos sujeitos construir conhecimentos através de práticas com interações mediadas, ao mesmo tempo em que fornece subsídios ao professor para avaliar de forma processual, a

partir de critérios qualitativos que vão sendo construídos no processo de ensino-aprendizagem.

Outras alternativas que temos priorizado são as práticas desenvolvidas nos AVA, a exemplo do *Moodle*, porque agregam intertextualidade, intratextualidade, multivocalidade, navegabilidade, mixagem e multimídias (SANTOS, 2002, p.428). Ou seja, o uso de recursos e interfaces disponíveis, *hiperlinks* e *nós*, são portas de entradas para o texto dialogar com outros aportes, correntes teóricas, imagens e sons, estimulando as atividades de pesquisa, de dialogia que vão além de uma simples produção de textos digitais.

No	AVA	<i>Moodle</i> ,
encontramos	algumas	interfaces, tais como:
wiki,	glossário	interativo, fórum, chat
e o livro,	todas	remetendo à
textualidade	do	hipertexto
procedimentos	de	avaliação.

Conclusões temporárias

Neste artigo buscamos explicitar, de forma resumida, os vários estudos e reflexões sobre os conceitos de hipertexto e sua contribuição no processo formativo de avaliação da aprendizagem. Em meio aos aportes aqui apresentados, pode-se inferir que, diante das possibilidades interativas e tecnológicas oferecidas pelos diferentes espaços de aprendizagem, a avaliação é chamada a reestruturar-se. Da mesma forma, os professores se veem instigados a rever conceitos, metodologias e estratégias que deem respostas comprometidas a uma abordagem dialógica, para superar o instrucionismo que tem permeado esses ambientes e, naturalmente, a prática da avaliação.

Vale ressaltar que, no contexto dos AVA, a linguagem hipertextual não gira, apenas, em torno das tecnologias de informação e das mídias digitais, mas sim, nas possibilidades que elas oferecem para fins pedagógicos, como fator de motivação, afim de que os sujeitos da aprendizagem sejam vistos como colaboradores ativos, parceiros de percursos formativos.

De consonância com essas ideias, é importante que o professor seja capaz de renunciar a seu pretensão poder de ter o controle da sala de aula, considerar o nível de experiência dos alunos e estar disposto a ser, com eles, um grupo de pessoas que aprendem reciprocamente, como sujeitos instituintes do processo ensino-aprendizagem.

Por fim, acreditamos que a transposição do modelo hipertextual para as práticas educativas e, mais particularmente, para as práticas avaliativas, abre espaço para associações e diferentes diálogos entre professores, alunos, teorias, práticas intertextuais e interdisciplinares.

Enfim, sintetizamos essas ideias no mapa conceitual abaixo, esperando que se faça emergir outros diálogos que venham incitar ainda mais a discussão e as propostas referentes ao fenômeno em pauta.

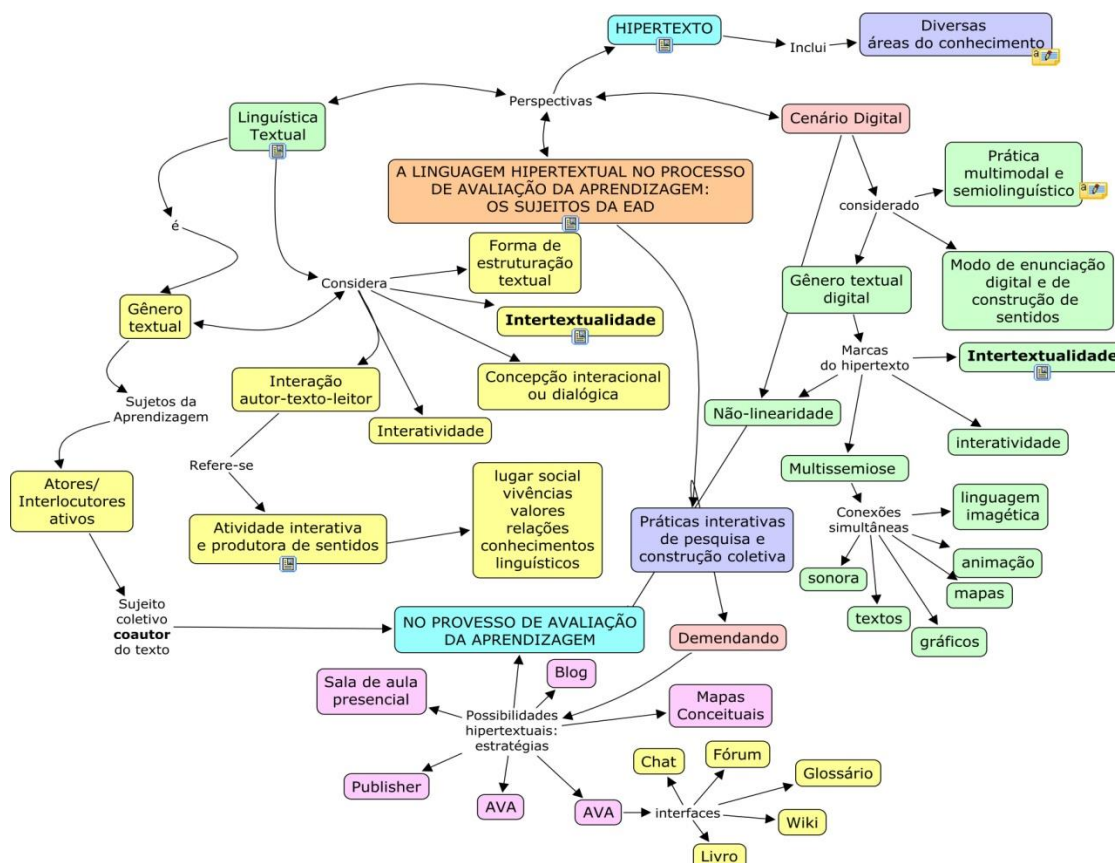


Figura 1 Hipertexto e Avaliação – Mapa conceitual elaborado pelos autores

Referências Bibliográficas

BRAGA, D.B. A construção interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In: MARCUSCHI, Luiz A; XAVIER, Antônio C. (orgs). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

COSCARELLI, C.V. Entre textos e hipertextos. In: _____. *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FERNANDES, Domingos. Para uma teoria da avaliação formativa. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 19, n. 2, p. 21-50, 2006.

GOMES, Luiz Fernando. *Hipertextos multimodais: leitura e escrita na era digital*. Jundiaí: Paco Editorial, 2010.

KOCH. Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. & ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2010.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____. *O que é o virtual?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

LUCKESI, Cipriano. *Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e criando a prática*. Salvador: Malabares Comunicações e eventos, 2005.

MARCUSCHI, Luiz A; XAVIER, Antônio C. (orgs). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. In: *Linguagem & Ensino*, Rio Grande do Sul, EDUCAT, v. 4, n. 1, 2001.

MORIN, Edgar (et.al.). *Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana*. São Paulo: Cortez, 2003.

RAMAL, Andrea Cecilia. *Avaliar na cibercultura*. Porto Alegre: Revista Pátio, Ed. Artmed, 2000.

_____. *Educação e cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ROMÃO, José Eustáquio. *Avaliação Dialógica: desafios e perspectivas*. São Paulo: Cortez, 1998.

SANTOS, Edméa O. dos. *Educação online: cibercultura e pesquisa-formação na prática docente*. Tese (doutorado). UFBA: Faculdade de Educação, Salvador, 2005.

VILLAS BOAS, Benigna M^a de Freitas. *Virando a escola do avesso por meio da avaliação*. Campinas, SP: Papirus, 2008.

_____. *Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico*. Campinas, SP: Papirus, 2004.

XAVIER. A. C. & LÉVY, P. *Hipertexto e Cibercultura: links com literatura, publicidade, plágio e redes sociais*. São Paulo: Respel, 2011.

_____. *O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital*. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2002.